

Língua Portuguesa, sua didática e dificuldades nas salas de aula da EJA e do PROEJA

Karina Manhães da Costa*

Marcos Vinícios Guimarães Giust**

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sobre a face neutra e te
Pergunta, sem interesse pela resposta pobre ou terrível que lhes deres:
Trouxeste a chave?
Carlos Drummond de Andrade.*

Resumo

O trabalho apresentado neste artigo consiste em investigar, primeiramente, as dificuldades de aprendizagem relacionadas à leitura e à escrita nos ensinamentos Fundamental e Médio, da modalidade de Educação de Jovens e Adultos e PROEJA, estabelecendo algumas considerações sobre a importância da leitura e da escrita no processo de ensino-aprendizagem. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, assim como também foi feita uma pesquisa entre alunos da EJA, da Escola Estadual Manoel Pereira Gonçalves, localizada no Farol de São Tomé, Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro. Nesta instituição, estão matriculados, no Ensino Médio noturno da educação de Jovens e Adultos, 125 alunos na faixa etária entre 18 anos a 68 anos. Procedeu-se, também, uma pesquisa, no IFF (Instituto Federal Fluminense), com 06 alunos do curso Técnico em Eletrônica integrada ao ensino médio – PROEJA, do *Campus Centro*, localizado no município de Campos dos Goytacazes/RJ. Com base em relatos feitos, foi verificado que os alunos da modalidade EJA, da escola Estadual, chegam ao Ensino Médio com noções consideradas básicas em

* Aluna da Pós-graduação PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) no Instituto Federal Fluminense

** Orientador. Msc. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

relação ao nível de leitura e escrita, portando dificuldades para interpretar enunciados distintos e responder a questões de forma objetiva e clara, acontecendo o mesmo com os alunos do PROEJA. Notou-se que uma pequena parte dos professores da instituição estadual possui metodologias de ensino de língua portuguesa ainda arcaica e outros apresentam a visão de que na EJA, “o aluno não precisa aprender muita coisa, já que ele só quer o diploma.” Essa visão errônea distorce a função da língua e faz com que ela perca o seu verdadeiro sentido: o de formar cidadãos participativos e críticos. No IFF a metodologia de ensino é diferente. Os professores são altamente qualificados, dinâmicos e fazem com que suas aulas tornem-se agradáveis e compartilhadas, segundo relato de alunos. Porém, apesar disso, muitos alunos do PROEJA estão despreparados e enfrentam muitos empecilhos. Vários são os fatores que contribuem para dificultar a aquisição de aprendizagem, tais como os sociais, os individuais e também os metodológicos, já que os profissionais que atuam nesta área, principalmente, os da rede estadual ainda se encontram voltados para os aspectos funcionais da linguagem, esquecendo-se da contextualização, dificultando, assim, a compreensão dos conteúdos ensinados.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Língua Portuguesa. Leitura e escrita. Educação de Jovens e Adultos e PROEJA.

Abstract

The work presented in this paper is to investigate, firstly, learning disabilities related to reading and writing in elementary and high schools, the sports of Youth and Adult PROEJA, establishing some considerations about the importance of reading and writing in teaching-learning process. Initially, we performed a literature search, as well as a research was conducted among students of adult education, the State School Manoel Goncalves Pereira, located in Farol, Campos Goytacazes, State of Rio de Janeiro. In this institution, are enrolled in high school education for Youth and Adults, 125 students aged from 18 to 68 years. The procedure was also a research, IFF (Federal Fluminense) with 06 students from the Electronics Technician integrated high school – PROEJA, the Fields Center, located in the municipality of Campos dos Goytacazes/RJ. Based on reports made, it was found that students of the Sport EJA, State school, come to school with basic notions considered in relation to the level of reading and writing difficulties porting to interpret different statemensts and answer questions in na objective and clear, the same happening with the students of PROEJA. It was noted that a small part of the state institution has teachers

teaching methodologies for Portuguese still archaic and others have the view that the EJA, “the student need not learn a lot, since he only wants the diploma.” This mistaken view distorts the role of language and makes it lose its true meaning: that of forming critical and participative citizens. IFF in the teaching methodology is different. They teachers are highly qualified, dynamic, and make your lessons enjoyable and become shared, according to the reports of students. But despite this, many students are unprepared and PROEJA face many obstacles. There are several factors that contribute to hinder the acquisition of learning, such as the social, the individual and also the methodology, since the professionals who work in this area, especially those of the state are still focused on the functional aspects of language, forgetting the context, thus hampering the understanding of content taught.

Key words: *Learning disabilities. Portuguese Language. Reading and writing. Youth and Adult and PROEJA.*

O presente trabalho busca identificar os problemas dos alunos da Escola Estadual Manoel Pereira Gonçalves, que se encontram no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos, assim como os alunos do Curso Técnico em Eletrônica Integrada ao ensino Médio – PROEJA, no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa, em relação à elaboração de textos (coesão e coerência), ortografia e uso adequado da variedade padrão da língua.

De acordo com observações feitas no cotidiano da sala de aula, identificamos que alunos destes níveis de ensino chegam sem as noções básicas mínimas de Língua Portuguesa, aumentando as dificuldades na aprendizagem das demais disciplinas.

Com base em estudos feitos, propomos, neste trabalho, identificar a ocorrência de algumas destas falhas no ensino, abordando um breve diálogo entre o estudo de Língua Portuguesa no Ensino da EJA e do PROEJA, identificando seus problemas e propondo soluções.

Uma breve análise histórica da EJA no Brasil

Com base em fatores históricos, observa-se que, no Brasil, a educação inicia-se no período colonial, por volta do ano de 1549, quando os jesuítas chegaram ao Brasil, para catequizar os índios, ensinando-os a ler e a escrever, afim de que estes absorvessem a fé católica e o trabalho educativo.

Com base nesses princípios colonizadores, observa-se o princípio do

desenvolvimento da educação de Jovens e Adultos desde então, já que eram pessoas adultas que estavam sendo alfabetizadas para as causas da santa fé.

Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, ocorre um desajuste no ensino até aquele momento estabelecido.

Somente em 1824, com a Constituição do Império, que institui a instrução primária para todos os cidadãos, voltou-se a falar em educação de adultos, mas seu estabelecimento no sistema de ensino dá-se apenas na década de 1930, quando ocorrem grandes transformações, principalmente, devido ao crescimento no processo de industrialização. Nesta década, o único e maior interesse do governo era somente ensinar a população a ler e escrever, pois se estes adquirissem um conhecimento sólido e se tornassem críticos, poderiam prejudicar os interesses dos governantes.

Na década de 40, ocorrem várias mudanças na educação de jovens e adultos, quando se regulamenta o Fundo Nacional de Ensino do INEP, o qual tinha por objetivo incentivar estudos em áreas afins, surgindo, assim, as primeiras obras voltadas para o ensino supletivo.

Com o fim da Era Vargas, em 1945, o país sofre uma grande crise econômica, fazendo com que a educação de jovens e adultos ganhe mais destaque e seja mais valorizada pela sociedade.

Em 1950, surge a Campanha Nacional de erradicação do analfabetismo (CNE),

Tornando-se o marco da discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos.

Na década de 70, o governo cria o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), projeto criado pela lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, que tinha como proposta, alfabetizar jovens e adultos acima da idade escolar convencional, fazendo com que estes pudessem adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo, levando-os a uma integração à comunidade e a melhores condições de vida.

Nas décadas de 80 e 90, a educação deixa de ser tradicional e passa a ser uma constante busca de novas propostas de ensino, visando ajudar o aluno, dando aos professores melhores condições de ensino e qualificação profissional. Apesar de a década de 90 não ter sido muito boa para a educação de jovens e adultos, devido à falta de políticas de governo, alguns estados e municípios se comprometeram a oferecer a EJA em suas instituições de ensino.

O governo federal, no ano de 2003, durante o mandato de 4 anos do governo Lula, assume a alfabetização de Jovens e Adultos, cuja meta é erradicar o analfabetismo, com o Programa Brasil Alfabetizado.

Uma breve análise histórica do PROEJA

Surge em 13 de junho de 2005, por meio da Portaria nº 2.080 as diretrizes para a oferta de cursos de educação profissional integrada com o ensino médio na modalidade de educação de Jovens e Adultos – PROEJA.

Estando estas diretrizes estabelecidas, o MEC opta pela criação de um programa que abrange cursos com essa configuração. No entanto, no dia 24 de junho do mesmo ano, foi promulgado o Decreto nº 5.478, que instituiu, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, que tem como objetivo integrar a educação profissional à educação básica, unindo assim em uma só educação a produção manual e a produção intelectual. Dois anos depois, no dia 13 de julho de 2006, este decreto foi revogado pelo Decreto nº 5.840, que altera a denominação do programa, mas mantém a mesma sigla: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA.

Esse programa trazia consigo vários desafios políticos e metodológicos, um deles era o de construir um currículo integrado considerando as especificidades desse público.

O PROEJA surgiu propondo desafios pedagógicos e gerenciais. Por isso, foi necessário pensar a qualificação e formação de professores e gestores para atuar em sua implementação. Assim, o governo instituiu as parcerias de Cefets e Universidades distribuídos nas regiões do país para promoverem, anualmente, cursos de Especialização PROEJA (Pós-graduação Lato Sensu), a fim de auxiliar o trabalho dos educadores na inserção dos jovens e adultos na escola.

O aprendizado da linguagem no ensino médio da educação de jovens e adultos

Vive-se um momento crítico em relação ao ensino da linguagem oral e escrita no Brasil.

Há em nosso meio social, jovens e adultos que chegam a determinados níveis de ensino sem ao menos conhecer a linguagem oral e escrita, e isso se dá devido a fatores como a falta de instrução dos pais, abandono da escola devido à necessidade de trabalhar e de outros fatores que fizeram com que

estes alunos não cursassem a alfabetização em idade própria, abandonando, assim, o considerado “ensino regular”.

Hoje, esses adultos se veem obrigados a retornar à escola, pois a sociedade lhes impõe o domínio da linguagem oral e escrita, devido ao universo de informações com as quais eles se deparam a cada dia, e também devido às suas necessidades individuais.

Nas observações feitas na sala de aula da Escola Estadual Manoel Pereira Gonçalves e na sala do IFF, curso técnico, verificou-se que os alunos chegam ao Ensino Médio e Técnico da Educação de Jovens e Adultos apresentando muita dificuldade nas questões relacionadas à leitura e à escrita. Análises nos mostram que isso pode ser o resultado de alguns fatores, como a didática utilizada pelo professor no ensino da língua materna, o tradicionalismo ainda presente no Ensino Fundamental, fatores linguísticos regionais, falta de contextualização, falta de diálogo entre professores e alunos, de troca de informações, e outros, como a história de vida de cada um, a falta de autoestima, o medo de errar, de ser criticado, etc. Enfim, tudo isso pode interferir no processo de ensino-aprendizagem.

Paulo freire (1987) nos diz que a educação não deve ser imposta, mas deve ser instrumento para a construção do conhecimento, deve haver um diálogo entre educador e educando e vice-versa, assim chamada por ele de educação libertadora e dialógica. Diz-nos também que ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão (p.52). Saliencia que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 68).

Para ele, a educação deve estar vinculada à realidade. Compreende-se que na EJA e no PROEJA, os alunos usarão a linguagem e conhecimentos que adquiriram ao longo da vida.

Cabe ao professor propor atividades que trabalhem o uso da linguagem, utilizando os recursos da própria língua, ou seja, aquilo com o qual eles têm mais contato, as palavras e expressões que estão em sua realidade, pois assim eles estarão mais próximos da língua e mais abertos a novos conhecimentos.

Discute-se, hoje, na Escola Estadual Manoel Pereira Gonçalves, a metodologia aplicada ao ensino da língua portuguesa no Ensino Fundamental e Médio da EJA, com o objetivo de saber se esse atende às necessidades atuais.

Na discussão, percebeu-se, então, que a falta de contextualização com a realidade e os anseios dos alunos fazem com que se crie uma barreira entre o aprendizado da língua e a motivação do aluno, ou seja, aulas descontextualizadas geram alunos sem motivação para a aprendizagem.

Essa situação exemplifica o que Brandão (1981) esclarece sobre a convivência dos alunos na escola: “os seus sentimentos devem apontar para questões da vida, do trabalho; devem ser símbolos concretos da existência real das pessoas” (p. 32).

No IFF, foi verificado que professores utilizam textos e bibliografias que estão além da compreensão do aluno. Não se condena a abordagem que inclua textos e bibliografias mais complexas, contudo, para iniciar determinados conteúdos, deve-se, primeiramente, partir da realidade do aluno, para que haja compreensão e assimilação do tema abordado. Depois, então, trabalha-se a aquisição de novos conhecimentos e estruturas. A fim de que haja adaptação a essa nova realidade, o sistema de ensino deve oferecer cursos de capacitação para que o educador esteja mais bem preparado para adequar-se a uma nova proposta de ensino, criando no aluno o ato de ler com criticidade, interpretar e escrever com motivação.

Foi aplicada uma atividade na escola, voltada aos alunos do Ensino Médio da EJA e aos alunos do curso do PROEJA. Pôde-se perceber que todos sabem ler e escrever, mas que não compreendem o que leem e o que escrevem. Poucos são aqueles que compreendem e escrevem com clareza.

Para amenizar tal situação, deve-se privilegiar a leitura de textos como músicas, versos, poemas, e promover atividades com textos jornalísticos e com outros gêneros textuais, estimulando o hábito da leitura e o debate entre os alunos. Sabe-se que o aluno leitor, torna-se, ao longo do tempo o aluno escritor, pois quem lê amplia seu vocabulário e adquire novos conhecimentos.

Tanto na EJA quanto no PROEJA, não é difícil encontrarmos alunos com deficiências orais e escritas, mas vale lembrar que são adultos e jovens, muito vezes afastados da escola há anos, pessoas pertencentes às classes sociais mais baixas. No caso do público alvo das escolas analisadas, a maioria é composta por pessoas que não tiveram oportunidades, nem condições de adquirirem um livro, muito menos o hábito da leitura.

Visto que são várias as dificuldades encontradas neste nível de ensino, pelo fato do aluno ser uma pessoa que começou a estudar tarde ou ficou ausente da escola por muito tempo, é importante que o educador tenha em mente a necessidade de motivar o educando, respeitando as diferenças individuais e as limitações de cada um; conseqüentemente, o centro da metodologia da educação de adultos será a análise das experiências.

A Língua Portuguesa e a sua didática nas salas de aula da EJA e do PROEJA

Em 2005, o governo federal criou o PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação básica na modalidade de Jovens e Adultos.

Para que essa nova proposta se efetive, se faz necessário pensar em um currículo dinâmico, que atenda os anseios desta clientela. Esse currículo pressupõe a compreensão de questões relacionadas à diversidade e diferenças (raciais, étnicas, geracionais...), já que estes sujeitos estão mais entrosados no mundo real.

A proposta sugerida é o currículo integrado que envolve teoria-prática, entre o saber e o saber – fazer.

Portanto, o currículo é uma das formas de se inovar, pedagogicamente, em resposta aos diferentes sujeitos sociais para os quais se destina.

Sendo o PROEJA um curso médio integrado com formação técnico-profissionalizante, pressupõe-se que o aluno ao deixar o curso, certamente concorrerá a vagas em concursos e outros processos seletivos, juntamente com alunos que frequentaram o ensino regular, detentores de uma competência linguística mais estruturada pela formação gramatical e textual.

Com base nisso, se faz pensar que o ensino de Língua Portuguesa deve ser reformulado tanto na EJA, quanto no PROEJA, sobre a ótica da sociolinguística, não se esquecendo da importância da gramática, como nos diz Antunes (2007):

Está evidente, pois, o caráter da gramática como uma área de grandes conflitos.

Conflitos internos, oriundos da própria natureza dos fatos lingüísticos. Conflitos externos, oriundos de fatores históricos que concorrem para a constituição dos fatos sociais (a língua é um deles; não esqueçamos)...

É preciso reprogramar a mente de professores, (...) para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erro.

No que se refere ao ensino da Língua Portuguesa, descarto a função reparadora: não há o que consertar ,remendar, nem

como restabelecer algo que não chegou a ser estabelecido, sobretudo quando se trata de sujeitos adultos e marcados. Contudo vejo a possibilidade de equalizar para qualificar.

Sabe-se que a realidade didática nas salas de aula da EJA e do PROEJA são distintas.

Diante das discussões relacionadas às mudanças desejadas para o trabalho com a língua, vemos metodologias diferentes entre os diversos profissionais, sendo estes possuidores de competências variadas.

Percebe-se que a colocação em prática dos princípios idealizados é atribuída pela escola ao professor. O que deve ser analisado é que muitos dos educadores não possuem preparo para criar situações de análise e reflexão sobre a língua, no lugar das antigas lições de gramática.

Diferentes pesquisas realizadas aqui no Brasil atestam que a maioria dos docentes do Ensino Fundamental consome, em seu cotidiano, poucos livros e outros produtos culturais. (SETTON, 1993; GATTI, 1994).

Nota-se que tantos os professores do Ensino Médio como os do 1º ao 5º ano, não tiveram em sua escolarização básica e formação profissional inicial, oportunidades de viver práticas de leitura “adequadamente escolarizadas”. Isso se reflete na maneira como este profissional formula sua ação metodológica, reforçando desse modo, suas concepções tradicionais.

Vimos que isso não é diferente no trabalho com a EJA. Também os profissionais queixam-se da falta de oportunidades para uma formação continuada, na qual possa haver discussões e reformulações da prática pedagógica. Essa discussão parece ser amena no PROEJA, onde a qualificação profissional se mostra mais satisfatória.

Há que se reconhecer que algumas mudanças já são notadas no cotidiano de muitas classes da EJA e PROEJA. Muitos professores se conscientizaram de que a diversidade textual torna mais prazerosa uma aula e o processo de aprendizagem.

Por outro lado, existem professores que tratam essas questões textuais de maneira muito simplificada, quando não as esquecem completamente.

Não só na EJA, mas em todos os segmentos da Educação Básica, vemos uma resistência à renovação didática, principalmente, no que diz respeito a como ensinar os conteúdos gramaticais.

É inegável que grande parte dos professores da EJA continuam enraizados em um ensino centrado na memorização de classes de palavras da gramática, evidenciando, assim, essa dificuldade de se desconstruir conceitos já existentes. Ainda, infelizmente, escola e seus profissionais insistem no uso de métodos ultrapassados. Porém é necessário que se conscientizem

que precisam transformar sua prática docente, de maneira a fazer com que os aprendizes vejam a língua enquanto objeto de conhecimento, de modo que a análise dos aspectos ligados à “normatividade” apareçam vinculados a situações de fato contextualizadas e perceptíveis ao educando.

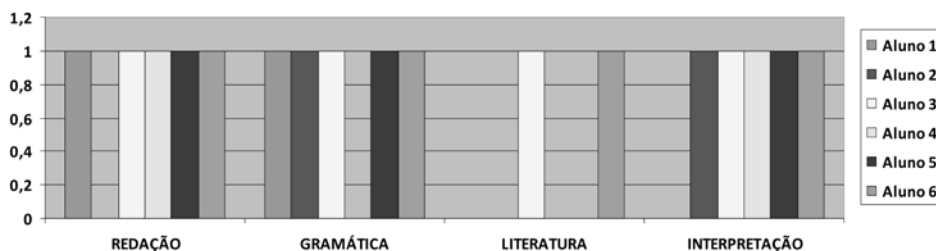
O que pensam os alunos do IFF sobre o ensino da Língua Portuguesa

Em nossas pesquisas, buscamos opiniões de seis estudantes do curso Técnico em Eletrônica integrado ao ensino Médio – PROEJA: dois do sexo feminino e quatro do sexo masculino, de faixa etária distintas.

Percebe-se que dos entrevistados, 80% apresentam dificuldades em Língua Portuguesa. Verificou-se, também, que alunos com faixa etária entre 19 anos a 29 anos têm receio de assumir suas dificuldades, ou não se dispuseram a responder por vergonha ou outros motivos particulares.

Vimos que, de acordo com cada aluno, os obstáculos no entendimento da língua mostram-se de formas diferentes. Para alguns, é complexo produzir textos, para outros, as dificuldades apresentam-se na interpretação, na gramática, na literatura (vide Quadro 1).

Quadro 1 - Áreas de maiores dificuldades no estudo da língua portuguesa dos alunos do IFF *campus* Campos-Centro



As áreas em que os alunos apresentam maiores dificuldades são em interpretação de texto e em estudos gramaticais. O curioso é que, apesar de os alunos passarem para um nível superior, o grau de dificuldades em língua portuguesa não diminui.

Verificamos, também, que dentre os entrevistados, os alunos representados nesta pesquisa em maior escala, apresentam mais dificuldades no aprendizado da língua do que as alunas. Estas prestam maiores cuidados na aprendizagem da língua.

Constatou-se também que os alunos reconhecem os esforços do corpo docente em resolver os problemas relacionados ao ensino da língua materna, apesar de não gostarem da disciplina por ser muito difícil, alegam.

Perguntamos aos alunos quais as causas do mau aproveitamento na disciplina de Língua Portuguesa. Segundo eles, as causas se relacionam à falta de motivação, à condição do trabalhador estudante, à carga elevada de atividades e trabalhos, à massificação de conteúdos. Com menor influência, aparece o relacionamento entre professor e aluno, o que nos faz perceber que a convivência com o professor não influi, numa totalidade, no aprendizado da língua.

Língua Portuguesa: desconstruções e perspectivas

Iniciamos esta abordagem nos perguntando: O que aconteceu com alguns alunos que, após uma trajetória educacional, chegam ao final do Ensino Médio, ou até mesmo ao Ensino Superior ou Técnico Profissional, apresentando sérias dificuldades em se expressar por escrito?

A dimensão deste problema é bem ampla. Primeiramente, devemos focar nossa atenção naqueles profissionais que vêm buscando novos caminhos por meio da reflexão sobre a prática pedagógica, mas que mesmo assim enfrentam dificuldades de aplicá-las.

A reflexão favorece a compreensão do outro a partir de pontos diferenciados, rompendo, assim, com barreiras que dificultam o ensino-aprendizado, porém é preciso ação.

Outro enfoque detectado para o fracasso da escrita de muitos alunos, talvez seja o pouco trabalho realizado na produção de texto escolar. Nessa atividade percorremos diferentes momentos do processo de aprendizagem para a expressão de sentimentos, facilitando a busca de soluções cabíveis para o enfrentamento das dificuldades no ato de escrever, visto que a intervenção pedagógica se faz necessária em toda a trajetória do ensino.

Muitos professores do nível médio ou superior tendem a responsabilizar o primeiro segmento do ensino por essas ações mal resolvidas. Também, outros de disciplinas que não de Língua Portuguesa, não consideram o ensino da língua ação de sua responsabilidade. Assim, como uma bola de neve, as dificuldades de escrita atravessam todos os segmentos, até o final de uma etapa.

Reproduzimos a seguir textos produzidos ao longo do ano letivo de 2010, por alunos do 1º ano do Ensino Médio da EJA, que estudam na Rede Estadual do Colégio Manoel Pereira Gonçalves – Farol de São

Tomé – Campos dos Goytacazes/RJ e por um aluno do curso Técnico em Eletrônica Integrada ao Ensino Médio do IFF Campus Campos-Centro.

TEXTO DE FRANCIELLY – Aluna do Colégio Manoel Pereira Gonçalves 1º Ano do Ensino Médio – EJA.

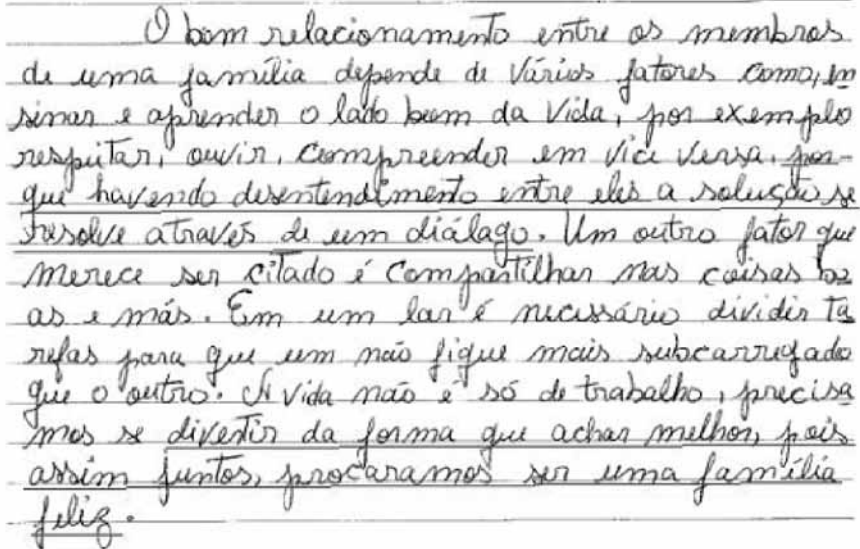
Num dia a noite eu estava indo para Campos quando derrepente o ônibus da progresso bate num carro e eu acabo me maxucando. Um carro para para ver o que tinha acontecido e oferece ajuda. A nossa converça foi assim:

- Você ta bem? Eu vou te ajudar!*
- Tudo bem.*
- Qual o seu nome?*
- Meu nome é Francielly.*
- O meu é Eduardo.*
- Consegui sair daí?*
- Vou tentar.*
- Tá bom!*
- Já liguei para o bombeiro, logo ele vai chegar.*
- Que bom, obrigado.*

TEXTO DE MARCELO - Aluno do Colégio Manoel Pereira Gonçalves – 3º Ano do Ensino Médio – EJA.

Eu Marcelo quero estudar muito pra ser arquiteto e ter carteira assinada, hoje eu trabalho na mercearia do meu tio para sustentar minha mãe e minha irmã. Voltei a estudar por que quero fazer vestibular na UFRJ, no Rio de Janeiro pos ela é de grassa e não tenho condições de pagar uma particular. Esse é meu sonho.

TEXTO DE JOÃO - Aluno do IFF – Curso Técnico em Eletrônica integrada ao Ensino Médio – PROEJA



O bom relacionamento entre os membros de uma família depende de vários fatores como, por exemplo, respeitar, ouvir, compreender em vice-versa, pois que havendo desentendimento entre eles a resolução se resolve através de um diálogo. Um outro fator que merece ser citado é compartilhar nas coisas boas e más. Em um lar é necessário dividir as tarefas para que um não fique mais subcarregado que o outro. A vida não é só de trabalho, precisa mais se divertir da forma que achar melhor, pois assim juntos, procuramos ser uma família feliz.

Esses textos fazem parte do trabalho do professor de língua portuguesa, que propõe auxiliá-los a avançar em questões significativas, relacionadas ao ensino da língua materna, visando à comunicação de ideias e ao aperfeiçoamento ortográfico e sintático da escrita.

Percebemos que o texto de Francielly apresenta certas características referentes ao diálogo, mas possui uma estrutura precária para uma estudante do ensino médio da EJA, que interage diariamente com a leitura e a escrita.

O texto também traz marcas da oralidade o que ocorre na maioria dos demais alunos. Isso é comum pois num diálogo informal, a oralidade é o “forte” e a marca fundamental da comunicação.

O texto de Marcelo manifesta um desejo de ascensão social por meio da escolha da profissão. Seu discurso é marcado por uma grande dificuldade de desenvolver suas ideias, caracterizado por uma circularidade viciosa, fechada em si mesma, restringindo as possibilidades de enriquecimento do texto.

Contudo, o texto de João apresenta a conjunção subordinativa integrante “par que” fazendo a ligação das orações, {...tarefas para que eu não fique mais subcarregado que o outro}. E também a conjunção coordenativa explicativa “pois”. {...divertir da forma que achar melhor, pois assim juntos, procuramos ser uma família feliz.}

Não nos restam dúvidas quanto ao pouco uso de elementos coesivos nos textos analisados. O melhor texto foi o do aluno João do IFF, que apresenta um grau maior de instrução em relação aos demais alunos analisados. Também, ao ler o texto de João, temos um exemplo do que Larrosa (1982, p.59) destaca sobre a leitura como uma produção de sentido:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuí-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Perguntamo-nos, então, que posturas pedagógicas devem adotar os professores diante dos problemas linguísticos? Qual a função do professor de Língua Portuguesa?

Desde muito cedo, nos primeiros anos de escolaridade, a gramática ganha um espaço predominante no processo de ensino-aprendizagem. A escola, amparada em uma concepção de ensino propedêutico, adia cada vez mais o contato da criança com os textos e seus diferentes gêneros, com a ideia fixa de que é preciso primeiramente aprender a ler a escrever e a dominar a gramática, e só depois interagir com os textos.

O aprendizado que deveria ser marcado pela aproximação entre língua e linguagem materializa-se em formas confusas e dissonantes e aparece com frequência em produções como a de Francielly, Marcelo e João.

A gramática é importante, mas ainda mais importante é a interação, a expressão, o contato e a capacidade de o ser expressar-se socialmente.

A falta de diálogo entre professores dos diferentes segmentos do ensino também acaba prejudicando esse processo de aprendizagem, já que não há uma sequência de conteúdos que trabalhem essas habilidades no educando.

Concomitante a esta situação, evidencia-se na rede estadual e federal de educação, mais precisamente nas escolas estudadas, um movimento de professores que buscam aperfeiçoar o processo de construção de conhecimento sobre a escrita em todos os seus segmentos.

Enquanto as barreiras que impedem essa aproximação, demoram a ruir, tentaremos impulsionar esse movimento apresentando situações e reflexões. Assim, estaremos caminhando para ações reconstrutivas

em direção a outras perspectivas de abordagem para todas as áreas do conhecimento.

Portanto, acreditamos que é na língua, na linguagem, que encontramos muito do nosso potencial de realização, de compreensão de mundo e de redimensionamento da vida.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. *Decreto nº 5.478 de 24 de julho de 2005*.

_____. *Decreto nº 5.840 de 13 de julho de 2006*. Institui, no âmbito federal, o programa de Integração na Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências.

_____. Ministério da Educação. *Portaria nº 2.080, de 13 de junho de 2005*. Estabelece, no âmbito dos Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrotécnicas Federais e Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais, as diretrizes para a oferta de cursos de educação profissional de forma integrada aos cursos de ensino médio, na modalidade de educação de jovens e adultos.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Cortez, 1986.

GATTI, B. Características de professores (a) do 1º grau no Brasil: perfil e expectativas. *Educação e realidade*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas 1993.

LAROSSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SETTON, M. G. Professor: variações sobre o gosto de uma classe. *Educação e sociedade*, Unicamp, n. 47, 1994.

